



Agrofloresta de quase tudo e cabruca de quase nada nas terras do sem fim

*Agroforest of almost everything and cabruca of almost
nothing in the lands of the endless*

Guimarães, Eduardo Alfredo Morais, Agrossilvicultura São Cosme e
Damião/Universidade do Estado da Bahia, eaguimarães@uneb.br

Tema Gerador: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo

A comunicação está organizada em uma perspectiva histórica apresentando dois modos privilegiados de tecer a trajetória da cultura do cacau na Bahia. No âmbito da agricultura familiar, quilombola e indígena o cacau de roçado criado pela mandioca em boqueirões, nas margens dos rios em “agroflorestas de quase tudo”. No ‘imaginário’ da elite regional, o cultivo do cacau em cabucas, sistema ‘ecológico’ que, em pleno sistema escravista monocultor atendia às necessidades do empreendimento mercantil português, isento do trabalho escravo e capaz de conservar e renovar a floresta tropical.

Palavras Chave: Cacau, Mata Atlântica e agrofloresta.

Abstract

The communication is organized in a historical perspective presenting two privileged ways of weaving the trajectory of cocoa culture in Bahia. In the ambit of family agriculture, quilombola and indigenous, the cacao of Cutting and burning agriculture created by the manioc in boqueirões, in the margins of the rivers in agroflorestas of almost everything. In the ‘imaginary’ of the regional elite, the cultivation of cacao in cabucas, an ‘ecological’ system that, in the midst of a monoculture slave system, met the needs of the Portuguese mercantile enterprise, exempt from slave labor and capable of conserving and renewing the tropical forest.

Keywords: Cocoa, Atlantic Forest And Agroforestry.

Introdução

A região cacauzeira da Bahia é uma região de crises cíclicas, quiçá, uma decorrência da dinâmica inerente à floresta tropical. De todo modo, a cada crise surge uma nova evidência da ‘inconsistência’ de um mercado internacional de *commodities* agrícolas, no mais das vezes, apartado dos custos de produção e, mais ainda, de uma possível inadequação do pacote tecnológico da Revolução Verde à agricultura no ambiente de floresta. E foram assim os últimos duzentos anos com os cultivos da *commodity* cacau - nos quais não faltou o apoio governamental aos grandes produtores. Nos anos iniciais da saga, um cacau de boqueirão, ou um cacau cultivado nas margens de grandes rios que, ricos em sedimentos, fertilizam os solos e, generosamente, acolhem os cacauzeiros. E, como o agronegócio de exportação quer sempre mais, com roças de cacau teimosamente avançando para além dos vales dos grandes rios, por sobre as



áreas de floresta, buscando romper barreiras edafoclimáticas. Situação que perdurou pelo menos até meados da década de 1920, com o Brasil ocupando o lugar de maior produtor de cacau do mundo.

Nos anos 1930, quando a produção africana passou a representar uma ameaça, a cultura entrou em decadência. O auxílio governamental veio com a criação do ICB (Instituto do Cacau da Bahia). A forte atuação do novo instituto possibilitou um aumento de 300% nas áreas de cultivo, em um período de 30 anos, ou seja, as roças de cacau avançaram ainda mais por sobre as áreas de floresta. No entanto, a produção avançou apenas 100%, revelando que havia algo de errado. No ano 1957, em uma conjuntura de preços baixos, baixa produtividade, custos elevados de produção e, consequente, ausência de tecnologias adequadas de cultivo, o Governo Federal, com sua “mão salvadora” criou a CEPLAC e, seis anos depois, em 1963, o CEPEC (Centro de Pesquisas do Cacau). A revolução tecnológica propiciada pelo CEPEC e os incentivos fiscais oriundos do PRO-CACAU (Plano de Expansão da Cacaucultura Nacional), lançado em 1974, como que em um passe de mágica, acabaram resolvendo ‘todos’ os problemas da cultura do cacau (problemas tecnológicos e de créditos públicos para os grandes produtores).

Nos primeiros trinta anos de existência da CEPLAC - entre os anos 1958 a 1988 – a avanço dos cultivos para novas áreas com predominância de solos ácidos e pobres em nutrientes, as novas práticas culturais desenvolvidas pelo CEPEC e a utilização intensiva de fertilizantes, pesticidas e inseticidas garantiram um crescimento sem precedentes de 235% na produção nacional. No entanto, no final da década de 1980, a Vassoura de Bruxa, doença provocada pelo fungo basidiomiceto *Moniliophthora perniciosa*, provocou uma queda de 2/3 da produção, dando início à “grande crise da cacaucultura”.

Metodologia

A Metodologia consiste, basicamente, em trabalho de campo etnográfico. A pesquisa teve início no ano de 2014 e se estendeu o final do ano de 2016. Durante a pesquisa foram realizadas entrevistas dialogadas, histórias de vida e intenso trabalho de observação com foco na cultura alimentar e nas tecnologias agrícolas.

Para a presente pesquisa, as roças quilombolas foram estudadas como sistemas agrícolas singulares nos quais as árvores dominam as paisagens fornecendo um amplo leque de produtos (madeiras para construção, lenha para a cozinha e secadores, medicina para humanos e animais etc.) e serviços (sombra protetora para cacaueiros e outras centenas de espécies vegetais e animais que vicejam no sub-bosque, proteção



do solo contra a erosão, proteção dos cursos d'água, etc.). Essas “Agroflorestas de quase tudo”, com forte presença da herança ancestral indígena e africana, revelam a história de ocupação do território pelas famílias quilombolas do Empata Viagem.

O Cacau Cabruca, a “Agrofloresta de quase tudo” e os desafios da sustentabilidade.

Em que circunstâncias a “grande crise” da cacauicultura ocorreu? É importante lembrar que o sistema de cultivo predominante, quando da eclosão da epidemia, era o Cacau Cabruca, largamente utilizado pelos grandes fazendeiros, desenvolvido no processo de expansão dos cultivos para áreas de florestas. O sistema está alicerçado em uma perspectiva monocultural e, como um agroecossistema simples, no decorrer do tempo mostrou-se insustentável. É importante lembrar aqui o pensamento de Tachi Kiuch e Bill Shireman, quando afirmam que nos trópicos o que realmente garante a estabilidade é a relação entre as diferentes espécies – cultivadas e espontâneas - presentes em um agroecossistema complexo, (...) “com muito poucos organismos, (...), uma única ruptura pode levar à devastação total”. Concluem Kiuch e Shireman,

Enquanto for abastecido de recursos que induzem o crescimento, como fertilizantes, esse ecossistema consegue vingar durante algum tempo e manter-se quase inalterável, a não ser no tamanho físico. Mas, se posteriormente for atacado por um fungo ou uma peste, pode ser rapidamente destruído (KIUCH & SHIREMAN, 2003, p.24)

No cacau cabruca a eliminação de grande parte da vegetação florestal, a adoção de tecnologias que impedem a regeneração natural e a manutenção de apenas alguns poucos indivíduos arbóreos do dossel são fatores determinantes para a quebra no equilíbrio dinâmico intrínseco à floresta. Chega-se a Conclusão que o Cacau Cabruca é um sistema de cultivo incompatível com o sistema agroflorestal. Existem na região outros sistemas de cultivos análogos ao Cacau Cabruca, como as plantações planificadas de cacau com sombreamento homogêneo por *Erythrina* - espécie exótica introduzida na região pelo CEPEC – e os consórcios cacau/seringa.

É também um erro afirmar que o Cacau Cabruca é unanimidade no Sul da Bahia. Convém registrar que nos espaços menos afetados pela ânsia produtivista da agricultura comercial de exportação, a realidade é outra. Nas pequenas roças da agricultura familiar, indígenas e quilombolas predomina o cultivo do cacau em sistemas agroflorestais, aqui denominados “agroflorestas de quase tudo”. Nessas agroflorestas o cacau é cultivado juntamente com dezenas e até mesmo centenas de espécies vegetais, muita coisa nativa que não se planta, muita coisa que se planta e muita coisa que só se desfruta. Contrariando os ‘princípios preservacionista’ do cacau cabruca, o sistema é



implantado a partir da eliminação de praticamente toda a vegetação existente no local. A “agrofloresta de quase tudo” é, portanto, uma “nova floresta”, ou seja, uma “floresta cultural”, conforme denominação utilizada por William Balée (BALÉE, 2008, 2000), uma floresta, inclusive, mais diversa do que a floresta original.

A partir de agenciamentos humanos e com uma forte participação de animais e das forças da natureza a terra queimada ganha vida. Com o tempo os diferentes estratos da agrofloresta ganham forma. No ‘andar superior’ as grandes árvores dominam as paisagens, exibindo o que pode ser denominado um novo maciço florestal, esse maciço se renova continuamente, pois a formas de vida dominantes, necessariamente, um dia morrem dando lugar a outras em um ciclo continua de renovação. No andar térreo, além da grande diversidade de fauna e flora, casas de morada, barçaças e casas de farinha registram a forte presença humana e nos andares intermediários a vida pulula.

O Sistema Agroflorestal Cacau Cabruca é um sistema de cultivo muito diferente. Estranhamente, não obstante a epidemia da Vassoura de Bruxa afetar duramente o Cacau Cabruca, a desilusão das elites locais com a revolução tecnológica do CEPEC veio acompanhada, de maneira paradoxal, de um retorno ao tempo dos ‘pioneiros’, um período idílico no qual o cacau teria sido cultivado em “*Cabruças*” abertas na floresta, um sistema de cultivo que possibilitaria a convivência harmônica dos seres humanos em um ambiente, supostamente criado por nordestinos e árabes vindos de regiões áridas do nordeste e da Arábia (LOBÃO, SETENTA & VALLE, 2004, p. 167).

E, como a agricultura tem avesso e direito, de maneira geral, hoje as elites locais acreditam que o direito é como os nordestinos supostamente fizeram e ainda fazem, ou seja, o Cacau Cabruca, e o avesso é como faz a ciência moderna com o sombreamento homogêneo e o cacau plantado a pleno sol. De todo modo, lados complementares que coexistem complacentemente e que podem trocar de posição a qualquer momento, de acordo com as tecnologias de ocasião. É, portanto, o momento que faz a diferença entre as duas faces. Por outro lado, como os conhecimentos dos descendentes dos primeiros habitantes do lugar são de todo modo, irrelevantes diante dos objetivos da agricultura comercial de exportação, os sistemas de policultivo predominantes na agricultura familiar, nas roças indígenas e, especificamente, nas roças quilombolas do Empata Viagem não estão nem do lado avesso nem do lado direito dos conhecimentos agrônômicos, pois representam o que irrepresentável, o escândalo de um sistema de produção que não se submete aos anseios monoculturais da agricultura comercial de exportação.



Conclusões

A Conclusão sobre o tema é que o reconhecimento da suposta virtuosidade do Cacau Cabruca, não significa exatamente, um retorno ao passado, ou mesmo uma persistência do passado, mas a idealização de uma monocultura de cacau sustentável por estar sombreada pelas grandes árvores da “floresta primária” - remanescentes da revolução tecnológica desencadeada pelo CEPEC a partir dos anos 1960 – na qual o manejo, praticamente, prescinde de agenciamentos humanos. Por certo, no Cacau Cabruca os desafios da agricultura no sub-bosque da floresta foram quase que completamente desconsiderados em nome de um sistema de cultivo no qual os adjetivos *ecológico e sustentável*, acredito, existem apenas no imaginário, ou até mesmo na ficção e que por isso mesmo persiste em 70% dos 700.000 hectares de cacau cultivados na Bahia (ARAUJO et. al., 1998, p. 18).

De todo modo, a ideia dominante na região cacaueira, de que a persistência do Sistema Agroflorestal Cacau Cabruca teria sido uma consequência da incompletude da revolução tecnológica do CEPEC, também não corresponde à realidade. O que persiste na maioria das grandes fazendas é uma cabruca decadente, raleada e tecnicizada, ou seja, roças de cacau planejadas e adensadas com sombreamento raleado de acordo com o receituário agrônomo difundido a partir dos anos 1960; situação que se agravou, inclusive, nos anos 1990, quando cacaucultores descapitalizados, como heróis lutando contra um inimigo transcendental que controlava os acontecimentos — o fungo *Crinipellis perniciosa* - chegaram a um final trágico e acabaram por se render definitivamente ao pacote tecnológico desenvolvido pelo CEPEC ao se desfazer das últimas grandes árvores nativas da Mata Atlântica, vendidas aos madeireiros no período agudo da crise.

Um olhar atento revela exatamente essa lógica. De um lado, verdades, até certo ponto, inoportunas para homens e mulheres que, fascinados pela possibilidade de uma ‘Conservação Produtiva’, se submetem estritamente ao roteiro da trama traçada pela maquinaria da agricultura colonial de exportação. De outro, um sistema que, no seu âmago sacrílego, contraria tanto os anseios do mercado internacional de *commodities* agrícolas, quanto à lógica da Revolução Verde: a “agrofloresta de quase tudo”. Tal conjunção está no cerne do avanço da agricultura colonial de exportação. Portanto, no âmbito dessa suposta perspectiva ecológica dos arautos da ‘conservação produtiva’, a grilagem de terras e a consequente expulsão de quilombolas, indígenas e pequenos agricultores de suas posses são, por assim dizer, drenadas no bojo de uma lógica fragmentada alheia à complexidade das paisagens tropicais, pois no Cacau Cabruca é ‘cacau e nada mais’.



Assim, pensar cada um desses sistemas agrícolas é pensar a relação entre duas formas de organização das paisagens. De um lado, monoculturas sombreadas por grandes árvores, ou seja, cacaueiros e ‘quase nada’, nas quais prevalece a lógica monocultural – e fragmentada - do mercado. De outro, sistemas agroflorestais nos quais prevalecem cacaueiros que também produzem frutos que valem ‘ouro’, mas não simplesmente o ‘ouro’ do mercado, ou o ouro das *commodities*, mas a riqueza de plantas extremamente exigentes em condições de clima e solo que produzem frutos com grande valor de mercado, inclusive grande valor nutricional; cultivadas juntamente com um ‘quase tudo’. Tal lógica faz da “agrofloresta de quase tudo” um sistema de cultivo singular não fungível, ou seja, não há cópias ou sistemas equivalentes nas diferentes roças.

Bibliografia consultada

ARAÚJO, M.; Alger, K.; Rocha, R. & Mesquita, C.A.B. A Mata Atlântica do sul da Bahia: situação atual, ações e perspectivas. **Reserva da Biosfera da mata Atlântica - MAB - UNESCO**, Caderno 8. p.1-36. 1998

BALÉE, W. Sobre a Indigeneidade das Paisagens. **Revista de Arqueologia**, 21 (2):09 - 23. 2008. Disponível em, (<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ra/article/viewFile/3003/2524>). Acesso em 05.07.2014.

BALEÉ, Willian. Culturas de Distúrbio e Diversidade em Substratos Amazônicos. In:

As Terras Pretas de Índio da Amazônia: Sua Caracterização e Uso deste Conhecimento na Criação de Novas Áreas. Embrapa Amazônia Ocidental, Manaus. 2009.

KIUCHI, Tachi & SHIREMAN, Bill. **O Que a Floresta Tropical nos ensinou**. São Paulo. Cutrix. 2003

LOBÃO, D. E.; SETENTA, W. C.; VALLE, R. R., Sistema agrossilvicultural cacaueiro. Modelo de agricultura sustentável. **Revista da Sociedade de Agrossilvicultura**, v.1 n. 2, p. 163-173. 2004. Disponível e, www.sbag.org.br/07-SBAG-v1-n2-2004-163-173.pdf. Acesso em 21.01.2014